

Entrelaços Paulistanos

Crônicas em uma
cidade apaixonante

Lucas Rigotti Berretta



Entrelaços Paulistanos

Crônicas em uma
cidade apaixonante

Lucas Rigotti Berretta

Ficha Técnica

Título do livro: **Entrelaços Paulistanos: Crônicas em uma cidade apaixonante**

Autor: **Lucas Rigotti Berretta**

Ilustrações: **Lucas Reis**

Capa: **Giovanna Helena Martinasso**

Diagramação: **Giovanna Helena Martinasso**

Edição: **Nº 1, São Paulo, 2021**

Este livro é um Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Presbiteriana Mackenzie

Curso: **Jornalismo**

Orientador: **Profº Dr. Anderson Gurgel Campos**

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

“O grande poeta e o grande romancista estão num pedestal no parque. O grande cronista não está no pedestal, mas sentado no banco da praça com a gente.”

Prates, Vinicius

Sumário

Construção de um lar	9
Quatro estações	13
Tatuagem	21
Uma viagem não convencional	25
Primeiros encontros	31
Batata frita com sorvete	33
Não castre dois cachorros ao mesmo tempo	39
Amor improvável	43
Amores interrompidos	47
12 de junho	51
Meu doce tesouro	55
Lágrimas carnavalescas	59
O tempo de São Paulo	65
Três atos	69
O centro pelas gerações	77
Lâmpadas para nossos pés, luz para nossos caminhos	81



Construção de um lar

No Pátio do Colégio em 1554 São Paulo era fundada sem saber que seu destino seria a grandeza. Uma jornada que soma 467 anos, de um começo com muito sangue derramado e mártires, o progresso veio com o café, com as indústrias e as pessoas que aqui construíram e constroem um lar. Sampa amplificou no mais alto tom para que todos pudessem lhe ouvir.

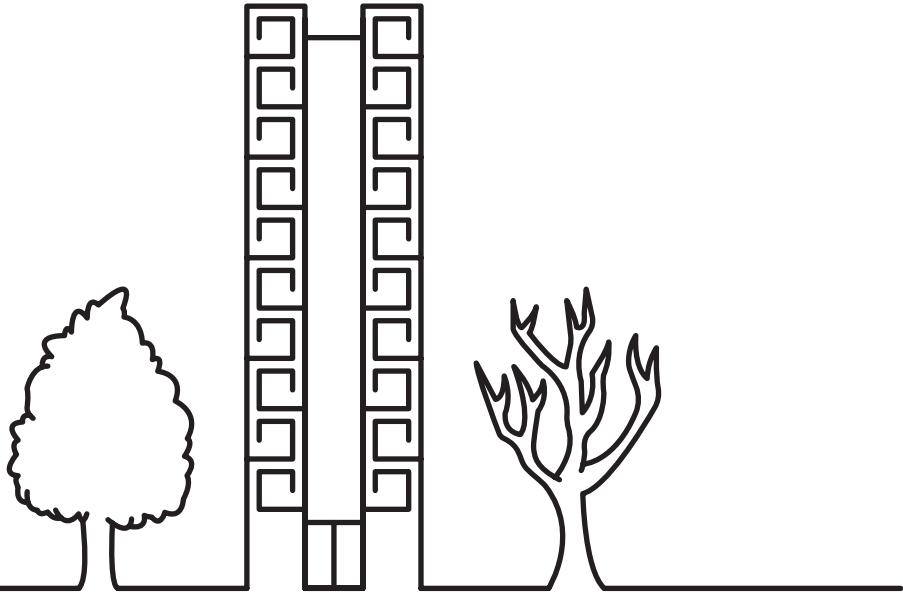
A cidade abriga milhões de pessoas das mais diversas culturas, um cenário urbano, polifônico e particular de cada um. São Paulo é uma personificação de um cenário único que para um bom observador se transforma em personagem.

Desenvolvida envolta dos seus rios e córregos, foi a mesma que os tampou, dos agora invisíveis que se misturam com as avenidas e ruas para formarem as artérias, veias e capilares de seu corpo. Os pés se perdem pelas linhas de metrô correndo contra o tempo, as mãos seguram firme o centro que as mesmas a fizeram da Sé a República, do Anhangabaú ao Paissandu.

Protegida pelo seu cercado natural de montanha e serras, os seus olhos ficam no ponto mais alto, no Pico do Jaraguá, para que tudo possa ver. A boca se encontra no Teatro Municipal para que os paulistanos nunca deixem de se expressar, o nariz descansa no Jardim Botânico para exalar o doce cheiro das rosas, bromélias e orquídeas. O pulmão respira em seus parques. O cérebro, que morou em muitos lugares, repousa na avenida Paulista e suas adjacentes, mas com planos de mudança, contudo o coração da cidade sempre permanecerá dentro de cada paulistano.

Feita por todos e para todos. São Paulo é dos indígenas, de São José de Anchieta e do Padre Manoel de Nobrega, dos Portugueses que subiram a serra. Da cana, do café e dos escravos. Da independência com Dom Pedro I e da Marquesa de Santos. Dos italianos, japoneses, libaneses e imigrantes de todo o mundo, além

dos migrantes de todo Brasil. De Ramos de Azevedo, de Francisco Matarazzo, de Martinelli, de Libero Badaró, de Tarsila do Amaral, de Anita Malfatti, de Mário de Andrade. E também de Washington Luiz, do MMDC, de Anhaia Mello, de Dom Paulo Evaristo Arns, de Hery Sobel e Jaime Wright. De Adoniran Barbosa e de Mano Brown. A nossa São Paulo, do Seu João, da Dona Maria, sua e minha.



Quatro estações

São Paulo é a casa de muitas histórias e assim como qualquer aventura, elas são construídas a partir de seus personagens. As jornadas individuais que estão abrigadas na cidade são um copilado de começos, finais e recomeços que formam um ciclo que nada mais é que a vida, um caminho metamórfico marcado pelas experiências, mudanças e sonhos que cada um carrega em sua bagagem.

Há momentos que são mais marcantes que outros ao longo desse caminho, por isso, da mesma maneira que uma foto congela instantes específicos, certas experiências se perpetuam na memória para então formar lembranças. Contudo existem instantes mais duradouros que outros, enquanto uns padecem no mesmo segundo, outros permanecerão vivos até o último suspiro.

A questão é que nem sempre a vida nos prepara para suas surpresas, de certa maneira são ensejos sem explicação para meros mortais como nós. A imprevisibilidade faz parte de seu charme *Noir*. Aquela quarta-feira tinha tudo para ser mais um dia comum na vida de Rogério se não fosse o imponderável.

Professor de inglês desde quando deixou o jornalismo na segunda metade da década de noventa, seu apartamento também era um de seus locais de trabalho ao receber alguns alunos particulares, além das diversas empresas e hospitais em que leciona para os funcionários, porém naquele momento todas as aulas estavam remotas por conta da pandemia de 2020 pelo Covid-19.

Para o paulistano é normal que os restaurantes tenham cardápios similares e fixos de acordo com os dias da semana, isso é uma herança portuguesa que permanece viva no cotidiano brasileiro variando de região em região. Em São Paulo as quartas são marcadas pela feijoada, e para Rogério era quase que uma tradição almoçar a feijoada do restaurante Praça de Minas que fica alguns metros

do edifício em que mora há quase 25 anos entre os bairros do Paraíso e a da Bela Vista, na região central da cidade.

Ainda era manhã quando suas aulas iniciaram e, ansiosamente, já aguardava o horário do almoço. 13 horas marcava ao relógio quando saíra de casa a caminho do restaurante, ao fechar a porta de seu apartamento não sabia que ao retornar tudo mudaria em questão de instantes.

Entrou no elevador e desceu os 10 andares até o térreo como um dia qualquer passa pelo porteiro que o cumprimenta:

- Bom almoço, professor!

Rogério agradece e brinca que logo estaria de volta. Caminha calmamente contra o ritmo corrido de sua vizinha Avenida Paulista, ao chegar à cantina os funcionários já são amigos de longa data, conversam muito e preparam sua quentinha de feijoada para almoçar em casa, agradece, se despede e repete a mesma sequência agora para seu prédio.

Retorna, abre a porta quando o telefone toca, a chamada é do proprietário de seu apartamento em que mora de aluguel desde 1996, atende e naquele momento o que seria dito mudaria aquele dia da água para o vinho.

Atende o professor:

- Alô, Bruno, tudo bem?

Responde

- Alô, tudo certo Rogério e aí?

E continua aquele início de conversa trivial quando Bruno finalmente diz o motivo da ligação

- Então Rogério, nesses mais de 25 anos você tem sido um locatário incrível, amigo e que nunca deu um problema se quer, por isso estou ligando primeiro para você. Infelizmente após a morte de um dos proprietários dos apartamentos que temos no edifício decidimos por vendê-los. A gente gostaria de te oferecer o espaço e caso não seja de seu interesse, precisaremos do apartamento livre daqui 30 dias.

Rogério agradece os elogios e a oferta, mas não estava em seus planos no momento realizar uma compra tão grande. Não havia outra resposta a não ser

o que em 30 dias deixaria o apartamento livre. Ao desligar o telefone, foi uma sensação muito diferente em sua vida, era como se algo tivesse quebrado e o tempo parado. Em sua cabeça surgia a questão: “e agora?”

Sua vida desde seus 29 anos foi construída naquele apartamento, sua rotina, os aniversários, festas, amigos, relacionamentos e memórias faziam parte daquele espaço também. Em último caso, ele sabia que na Vila Guilherme havia sua casa em que viveu da infância até se estabelecer em seu apartamento. Apesar dessa casa estar alugada para um inquilino, era uma opção requisitá-la e voltar, porém não era sua vontade deixar o bairro em que escolheu para viver e retornar para a zona norte.

E aqueles instantes quase que infinitos passaram, não conseguiu almoçar e, novamente, já estava na hora das aulas, ainda que em sua cabeça a única coisa que pensava era numa solução ele precisava trabalhar naquele momento. Assim que surgiu uma janela em seus horários ele saiu em procura do zelador do prédio, amigo de longa data, para comentar sobre a situação.

Rogério o encontra e começa a contar a situação, papo vem e papo vai, a pergunta surge.

- Você sabe se tem outro apartamento aqui no edifício para alugar? Eu não quero ir embora daqui

E o Zelador responde:

- Olha Rogério, tem um sim, mas você precisa ser rápido pois muitos apartamentos foram requisitados, a maioria pertence ao Bruno assim como o seu. Vou te passar o número da moça que está cuidando do apartamento e essas coisas burocráticas de aluguel.

Rogério o agradeceu muito, e assim que retornara a sua casa, a primeira coisa que fez foi digitar o número e telefonar rapidamente para Sandra da imobiliária. Após contar toda situação ele diz

- Eu preciso muito desse apartamento, não posso deixar esse edifício! É uma vida inteira que construí aqui.

Sandra gostou muito de Rogério e sua história. Após rir bastante, ela disse:

- Fique tranquilo, já vou iniciar os processos aqui. Preciso de alguns documentos do senhor, mas só terei a confirmação em dois dias, tudo bem? Mas

acredito que tem tudo para dar certo.

Responde mais calmo:

- Claro, já estou com os documentos aqui. Muito Obrigado mesmo.

Ainda era à noite quando as últimas aulas da quarta acabaram. Ele repousou sua cabeça em seu sofá da sala, e sabia que seriam dois dias longos até ter a certeza que daria tudo certo. Respirou bem fundo e no momento após a expiração ele estava lembrando toda sua vida desde 1996, na verdade era como se tivesse viajado no tempo para reviver todas as suas memórias.

Esses 25 anos no edifício OJC podem ser resumidos em quatro fases, ou melhor, em quatro estações na vida de Rogério. O tempo passa muito rápido, envelhece a todos e a tudo, mas envelhece como Whisky.

Em 1996 o começo, uma nova casa, um sonho. As flores florescem e colorem a vida. A primeira estação tinha que ser a Primavera. A chegada ao apartamento não foi solitária, a mudança veio primeiro com seu amigo, Carlos, foram dois anos dividindo o local, muitas festas, amigos, a casa sempre estava cheia e a vida caminhava muito bem profissionalmente.

Ainda na primavera, após esses dois anos, Carlos se mudou e Cláudio chegou para dividir o ambiente por mais três anos, as festas continuaram, viagens, tudo ia bem assim como as flores da primavera.

Logo após os anos de primavera, vem o verão. Em 2002, após Cláudio se mudar para Florianópolis, Rogério preferiu manter o apartamento sozinho agora que tinha condições para isso, e foi período de realizações em sua vida, muitas conquistas e memórias que se formaram.

A solidão nunca foi uma realidade, a casa sempre esteve cheia de alunos nos horários de trabalho e de amigos no tempo livre, a casa sempre esteve de braços abertos assim como Rogério para receber a todos que precisassem, os amigos até apelidaram o local de “Rotel”, pois sempre que alguém necessitava de umas noites fora de casa por “n” motivos, ali tinha um quarto.

As flores no verão não são tão vividas como na primavera, contudo é no outono em que as mesmas começam a secar, alarancam formando uma beleza diferente, única, algumas caem outras se mantem em pé, para que no inverno só restem galhos.

Em 2007 o verão finalizava sua temporada, no dia em que o Outono dava as caras para iniciar sua estação, a vida surpreende e, muitas vezes, nos golpeia sem antes nos avisar. Neste ano seu pai, Antônio, veio a falecer aos 71 anos de idade depois de um longo e difícil período com muitas complicações de saúde e idas e vindas dos hospitais. A vida que vinha de um verão feliz, engatava numa fase mais triste em que faltava uma parte de sua história.

Após o falecimento de seu pai, Rogério levou sua mãe Wilma para morar com ele, pois ela não se sentia segura sozinha, e assim um período diferente, mas também feliz iniciava no apartamento. O outono se fez belo com suas cores alaranjadas, momentos de um bom frio em que se coloca um casaco para passar no parque. A vida continuou.

Tudo ia bem, até que em 2014 o inverno dava as caras trazendo momentos difíceis e de muito frio na vida de Rogério. Wilma foi diagnosticada com Alzheimer e a vida nunca mais foi a mesma para ela e para todos que estavam a sua volta. Cada dia era um novo dia em que tudo poderia acontecer, o momento que existia era o presente e tudo o que importava era estar 100% presente no presente, os instantes não congelavam mais.

O apartamento entristeceu, assim como Rogério ao ver sua mãe sofrendo e esquecendo de tantas coisas que viveu, as memórias foram sumindo ao mesmo tempo em que ele tentava segurar e ajudar a mãe a se sentir melhor. E assim foram os anos mais difíceis de sua vida, em que viu de perto alguém tão especial perder a vida aos poucos como lágrimas que se misturavam com a chuva.

O inverno é um frio que dói. As folhas já estão secas, os galhos vazios estão aparentes, paira no ar uma falsa sensação de fraqueza das árvores, pois, na verdade, elas se mostram rígidas e firmes para aguentar as dores e pancadas pelo gelo.

Em 2019 após complicações devida ao Alzheimer aos 80 anos Wilma veio a falecer, o inverno perdeu por mais tempo com o início de uma pandemia mundial que mudou todo o mundo. Dentro de seu apartamento as estações nunca mais mudaram. Ainda que existissem dias de verão no inverno e vice e versa.

Os dois dias se passaram, a sexta-feira chegou junto com o som do telefone:

- Alô, Rogério? Tudo bem? O apartamento é seu, deu tudo certo.

Rogério, aliviado agradece e comemora esse novo momento de sua vida,

desceu para ver o seu novo lar e ao abrir a porta, suspirou fundo e com um sorriso disse:

- Estou pronto para mais uma primavera.

Tatuagem

Guilherme é um jovem repórter daqueles que inspira os demais por seus sonhos. Recém-formado em jornalismo, atualmente trabalha numa das maiores revistas do Brasil, tem uma banda de rock chamada “Legado 47” e muitas coisas para conquistar.

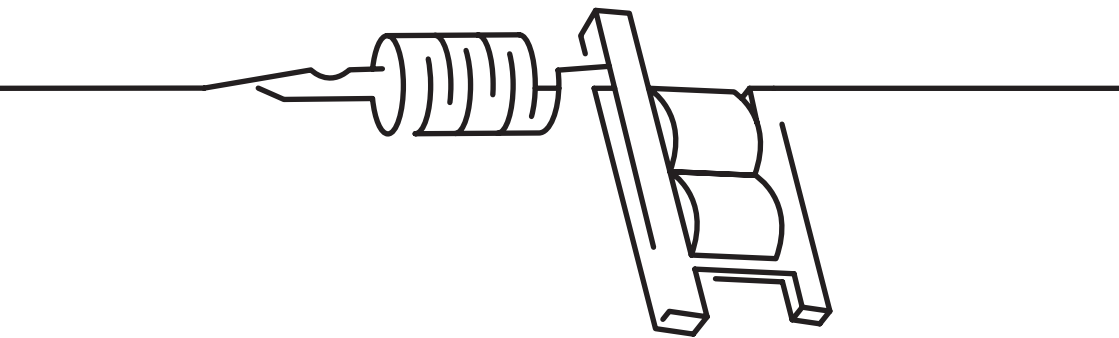
Ao longo de sua vida sempre residiu no mesmo bairro, no Jaraguá, lugar de uma das paisagens mais famosas da cidade de São Paulo, o Pico do Jaraguá, não só da cidade, mas também da vida de Guilherme. Aquela montanha que se destaca das demais com suas icônicas antenas era quase como um quintal de sua casa.

Quando se passa tantos anos morando no mesmo bairro, aquela paisagem faz parte de quem você é, há uma conexão de identificação, essência e construção de lar. São memórias sensoriais, afetivas, não é um perfume que se cheira, mas uma viagem no tempo através de seus próprios olhos.

Quem mora na Zona Norte ou Oeste, fica do outro lado da marginal Tietê em comparação ao centro expandido, residentes de Pirituba, Jaraguá e Freguesia do Ó sabem bem como encontrar seu lar na maior parte da cidade. Basta levantar um pouco a cabeça, e procurar o pico e saber que sua casa está por ali. E sempre foi assim para Guilherme, quando questionado onde morava apenas procurava e apontava dizendo:

- É ali! Ao lado do Pico do Jaraguá.

Foi então que um dia enquanto passava um tempo nas redes sociais encontrou um tatuador que sua especialidade era em pontilhismo, na hora adorou o estilo da arte e ficou com uma interrogação na cabeça: “porque não?”. Algumas semanas depois marcou com o tatuador, escolheu uma foto que ele



mesmo havia feito com o seu drone e fez a tatuagem.

Tatuagem é uma palavra com origem Taitiana, vindo do fonema “*Tatau*” que era o som emitido no ato de tatuar pelo processo que se utilizava de ossos pontiagudos e tinta para marcar a pele, apesar disso acredita-se que as primeiras tatuagens aconteceram no Egito Antigo por volta de 4000 anos A.C e no oriente por nativos das ilhas próximas a Oceania e do Japão.

Tatuagem não deixa de ser uma marca ou sinal permanente em seu corpo, refletindo dessa maneira, não é difícil de imaginar quantas “marcas” ou “cicatrizes” São Paulo deixa e continua deixando nas pessoas. Sejam elas boas ou ruins, mas que permanecerão para sempre. Procure bem, na pele ou na memória, com certeza elas estarão lá.

O futuro de Guilherme talvez seja distante do Jaraguá, uma mudança para outro bairro ou até mesmo outro país pode acontecer, mas não importa onde esteja ao redor do mundo ele sempre apontará para seu lar, agora, em seu braço também.



Uma viagem não convencional

Esses dias eu li um curto artigo que se desenvolvia a partir de um princípio bem simples: pequenos eventos são capazes de marcar nossas vidas. Enquanto lia fui relacionando com as dezenas de histórias que escutei ao longo deste ano para a execução deste livro, foi então que comecei a lembrar destes momentos aleatórios em minha própria vida.

No mundo “pré-covid” me lembro bem que eu tinha uma rotina. Palavra que hoje nem se passa pela minha cabeça. Nesses longos 18 meses (e contando...) foram poucas as semanas em que mantive algum padrão dia após dia em minha vida, ainda mais de horário. Entretanto quando era seguro sair de casa, nos moldávamos como necessário e era algo bom. Porém o que mais sinto falta dessa rotina é o meu caminho de ida e volta da faculdade. Busão até a Estação Madalena – Linha verde até a consolação – amarela até Higienópolis.

Eram horas e horas por semana que eu passava dentro de ônibus e metrô. Quantos Nerdcasts não escutei para passar o tempo... Azaghal, Jovem Nerd e as mais malucas conversas me divertia naquele caos urbano. Pois bem, mesmo assim eu era muito feliz. Mesmo apertado entre os ferros amarelos do 847P-10, nos stress diário do transporte público e dos “empurra-empurras” era algo que me fazia sentir vivo e parte da cidade. Foi aonde treinei meu olhar e peguei gosto pela observação. Flanei muito antes de saber o que era flanar.

De vez em quando, era normal que a cidade pregasse peças e forçasse mudanças na rotina das pessoas. Morar numa megalópole tem dessas coisas. Só o paulistano sabe o que é viver quatro estações em um único dia, perder o ônibus que desviou por conta de alguma manifestação, aquele acidente chato que trava a marginal, uma ponte fechada... são infinitas possibilidades nesta quase roleta russa.

Num desses dias no meio de fevereiro, ainda no auge do verão, o que também significa chuva na cidade. Não se engane! As águas de março chegam para fechar o verão, mas antes disso já caiu muita água na ladeira. Quem por aqui vive sabe muito bem quando “deu ruim” (para não escrever outra coisa) só de olhar para o céu. Por algum motivo fiquei até mais tarde na faculdade e já estava próximo das 18 horas, naquela altura já tinha dado “ruim”.

A primeira parte era tranquila, o metrô. Minha aflição era o ônibus, em dias comuns já ocorriam desafios imagina com chuva, e não deu outra. Chegando no ponto da Vila Madalena tinha por volta de 80 pessoas esperando o Terminal Pirituba vindo do Itaim Bibi. Com meu guarda-chuva aberto resolvi esperar...

Uma hora depois sem ônibus, com frio e nessa altura com mais de 120 pessoas naquela pequena calçada. Sem saída precisei pegar um Uber. Eu nem imaginava, mas aquela viagem não seria tão banal como normalmente.

Como jornalista curioso, adoro conversar com as pessoas, apesar de nem sempre ser indicado que faça isso. Normalmente me sinto mais tranquilo em um desses serviços da vida quando converso durante a viagem. Logo que a corrida foi aceita, verifiquei carro, placa e o que mais me chamou a atenção, o nome e a foto. Mohamad que parecia ser um senhor muito simpático.

Alguns meses antes estava num projeto que relatava jornadas de imigrantes e como eram suas vidas num local novo e diferente, primeira coisa que eu pensei foi: pena que o projeto já está finalizado (mesmo que eu poderia estar enganado com meu pré-julgamento e ser apenas um filho ou neto de imigrante). Contudo minha curiosidade não abaxava.

Minutos se passaram, acompanhava pelo GPS e o carro estava preso no trânsito, mas próximo. Decidi andar de encontro, avisei no aplicativo e lá fui eu para a rua ao lado. Ao entrar fui recebido com um sorriso e muita simpatia por Mohamad, um senhor no auge de seus quase 60 anos, magro, careca e com um cavanhaque mais do que estiloso. Eu não sabia, mas ali começava a melhor viagem em aplicativo que eu tive, não pelo serviço em si, mas pela conversa que teríamos.

Conversamos um pouco sobre a chuva e o trânsito. Ao mesmo tempo eu matutava em minha cachola como perguntar sobre sua vida sem parecer invasivo. Tomei coragem e questionei.

- Mohamed, pronunciei certo seu nome? Desculpa se erreí ali quando en-

trei, na chuva acabamos falando rápido.

Mohamed rindo disse:

- Falou certo sim, não se preocupe.

Ele tinha o português perfeito, então o perguntei.

- Você é daqui de São Paulo mesmo?

Ele respondeu

- Não, não. Na verdade, sou de coração. Aqui é minha casa também. Nasci no Líbano. Voltei para São Paulo faz dois anos. Antes disso morei por mais de 10 anos e encontrei os tesouros da minha vida em solo paulistano.

Foi então que realizei que havia achado uma história incrível. Para um curioso que passaria os próximos 45 minutos ali era tudo que eu precisava para me desligar do stress daquele dia. Continuamos a conversar...

Mohamed nasceu no Líbano, sua terra que tanto ama, mas foi um cidadão do mundo. Trabalhou em multinacionais ao redor do globo. Passou por Canadá, Alemanha, França e Brasil. País no qual tem um espaço em seu coração, em especial, a cidade de São Paulo.

Em sua primeira passagem pela cidade, o então jovem Mohamed conheceu o amor de sua vida no Tatuapé. Ana, seu primeiro tesouro. Casou-se e foi feliz como nunca havia sido. Anos depois entre viagens ao Líbano e o Brasil teve um filho, Bruno, seu outro tesouro criado em dupla cultura, partilhou metade de sua vida em cada país.

Ao longo dessa viagem foram tantas histórias fantásticas. Apreendi sobre a cultura libanesa, sobre como eles gostam daqui e dos brasileiros. Mohamed contou toda sua trajetória, impressões, sonhos realizados, até sobre sua calça do Pelé quando criança no Líbano.

E motivo de sua volta ao Brasil depois de anos é puro ato de amor. Pela cidade e por seu filho. Bruno, hoje com mais de 20 anos retornou ao seu país natal para estudar Medicina em São Paulo. Mohamed, já aposentado, voltou para acompanhar o filho pelo menos no começo. Sua esposa, Ana, ficou no Líbano, ela não tem vontade de retornar. Amou morar lá e sua família libanesa.

Nessa altura eu já estava quase no portão de casa. Mohamed agradeceu a

conversa e disse que foi uma das melhores viagens que já fez. Eu não tinha como não dizer o mesmo.

Não tenho dúvidas que sempre que eu adentrar num carro de serviço me lembrarei de Mohamed e suas histórias. As vezes São Paulo nos presentearia com essas experiências únicas.

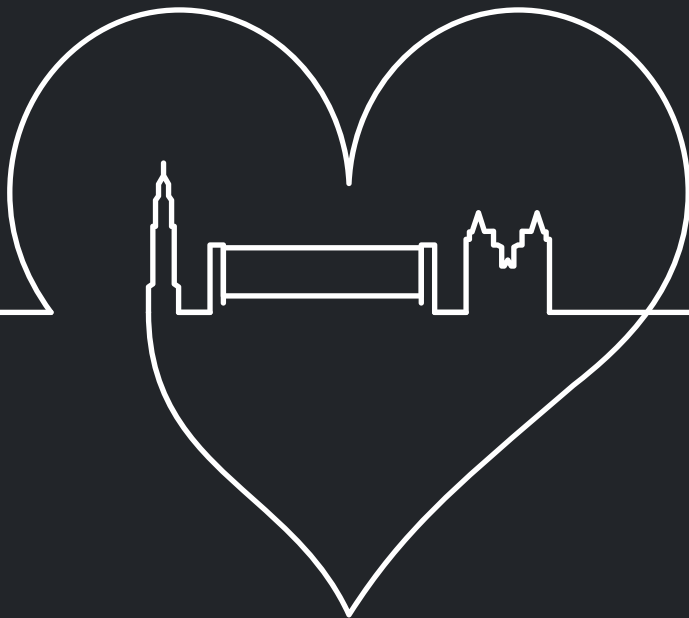
Primeiros encontros

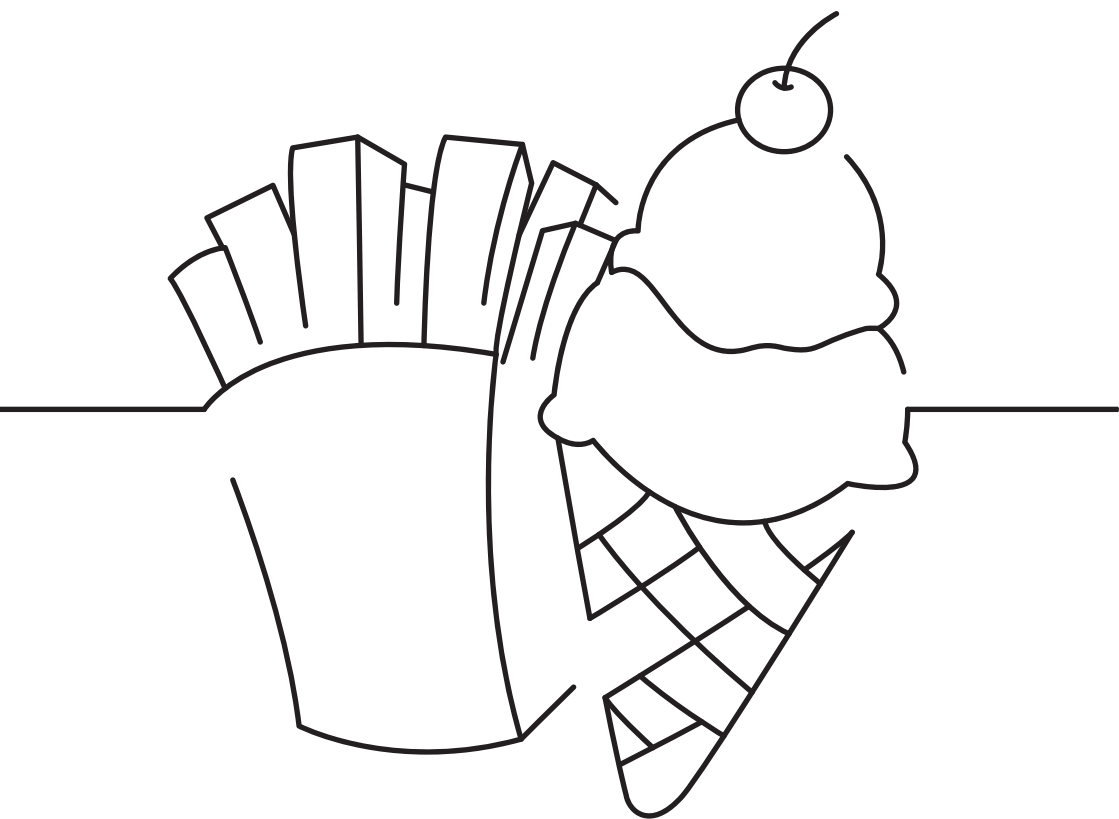
A vida em São Paulo é extremamente imprevisível. A estrutura da cidade somada com suas pessoas a fazem eloquente e possibilitam infinitas situações que por sua vez produzem outros imensuráveis caminhos. A megalópole paulistana é uma garoa de oportunidades que respinga nas páginas em branco de um livro.

Para quem tímido, distante, observa esta máquina colossal e suas engrenagens se sente aflito e, simultaneamente enganado, pois, o mesmo não percebe quão mágica a cidade pode ser. Enxerga apenas uma falsa melancolia mergulhada no cinza tóxico de seu ar. No entanto, quando se está inserido em seu contexto a poesia paulistana revela a verdadeira face de sua cidade mediante ao seu concretismo, suas cores, seus sonhos e acima de tudo a sua intensidade.

São Paulo é um palco de muitos atos e gêneros. Diariamente diversas histórias são escritas por mais de doze milhões de corações que pulsam o sangue que percorrem pelas artérias de asfalto. Confesso que outros contos também são rasurados, ainda que seus vestígios permaneçam pelos seus cantos.

Seja no seu sereno matutino, no verão do meio-dia ou no seu inverno noturno aquelas páginas à serem escritas respigam gotas frescas para registrar as suas novas histórias recheadas de primeiras experiências, sensações e encontros. Os corações esperam em cada avenida, cada cruzamento, cada esquina, em cada pedacinho de São Paulo.





Batata frita com sorvete

São Paulo é uma mistura louca. De repente há rios com milhares de carros ao lado, que aceleram de acordo com o ritmo dos corações desta megalópole; na principal avenida repousa um parque perdido em meio aos prédios; cinemas e bares se espalham pelos bairros que se misturam com o cinza melancólico dos escritórios. A boemia diária se encontra com os trabalhadores que cedo levantam para pegar no batente e fazer a cidade acontecer.

Você pode pensar que essas coisas não se misturam, mas em São Paulo tudo se mistura. Assim como doce e salgado. Como Batata frita com Sorvete. Tem quem ama, tem quem odeia. No entanto, aqui, tudo se combina de uma maneira única.

Um garoto tímido e *geek* pode se apaixonar numa escola de Samba. Afinal, um tamborim não está tão longe de uma HQ. Aqui, na mesma medida em que tudo é distante, no fundo se descobre que tudo é perto. Ninguém se limita em Sampa, todos que por cá passam se expandem.

Num mundo quase que mágico, onde os moradores estão sempre extasiados pelas sensações e momentos, não é difícil que as pessoas ressignifiquem algo: seja um lugar, uma pessoa, um objeto, uma lembrança ou até mesmo um sonho. Porém, tudo depende, de estar com a pessoa certa.

É irônico como tudo aconteceu. Foram diversas coincidências que, dependendo de sua crença, você pode julgar como: destino, Deus ou até mesmo que os cosmos que se alinharam. Esse romance se inicia no lugar menos provável para Gabriel e Tallyta, na Bateria da Faculdade.

Era 2018, após um ano de faculdade, Gabriel queria se envolver em algum projeto, entre tantas opções, participar de alguma maneira da atlética

era sua vontade, como não era esportista, na bateria encontrou o seu lugar.

Em contrapartida, Tallyta nunca foi uma grande fã do samba em si, porém sua mãe era apaixonada pelo ritmo carnavalesco. Aos 17 anos perdeu sua mãe, e ao entrar na faculdade entendeu que essa seria uma maneira de se reconectar com ela. E lá estava Tallyta, em seu primeiro ano, chegando na mesma turma de tamborim.

Num primeiro momento, eram apenas colegas do samba que tinham uma relação que não passava do cordial entre dois seres humanos. Mas com o passar do tempo, as coisas foram mudando e se misturando. Uma amizade nasceu, os sentimentos afloraram e ficaram cada vez mais fortes, ambíguos e confusos. Contudo em relações que se misturam tanto, uma hora, acabam dando em algo e, neste caso, foi como arroz e feijão, como preto e branco e por que não como batata frita com sorvete.

Entre tantos momentos que viveram juntos até se permitirem amar, há histórias que se destacam pela cumplicidade e conexão que surgia num terreno desconhecido. As linhas eram escritas enquanto os astros se alinhavam.

E na primeira vez que os astros deram suas caras, foi em fevereiro de 2020, quando decidiram acompanhar um dos ensaios das escolas no Anhembi. O motivo era a simples vontade de fazerem algo juntos com uma porcentagem ilusória de acompanhar o mestre da bateria em que se conheceram.

Gabriel decidiu então falar com sua chefe para sair mais cedo e conseguir encontrar com Tallyta e a conversa foi mais ou menos assim:

- Quero muito sair com uma garota que é bem especial, será que eu poderia sair mais cedo do trabalho hoje?

A chefe deixou, ela não tinha reclamações para o funcionário que sempre fez tudo o que precisava e muito mais do que era pedido. No outro lado da cidade, literalmente, Tallyta se preparava para o Anhembi. No fundo ambos estavam confortáveis com a situação, mas simultaneamente aflitos e com aquele frio na barriga, a sensação era que existia algo sem saber exatamente o que, porém era algo bom.

Gabriel queria fazer uma surpresa, como chegou mais cedo resolveu comprar um chocolate no mercado mesmo, algo simples, mas com o seu

coração no tablete. Enquanto, sentados estavam à espera dos ensaios, Tallyta perguntou:

- Se importaria em eu ler um pouquinho?

É um costume que ela carrega no dia a dia. Ele não se importou nem um pouco, porém disse:

- Quero te entregar uma coisa antes.

Entregou o chocolate para Tally, como a chama carinhosamente, ele nervoso estava pensando se ela gostaria. No outro lado da moeda, com um sorriso no rosto e surpresa, meio sem entender ainda o que estava acontecendo, recebeu o chocolate. Por dentro um nó na garganta sufocante surgia, o sorriso quase se tornava lágrimas, o que não mudava o seu sentimento no momento, a felicidade.

E naquele dia em que tudo poderia dar errado, em que muitas coisas jogaram contra, como a chuva, pessoas, trânsito, medos, ansiedade e muito mais, nas imperfeições da noite fizeram deste encontro algo único e perfeito da maneira que teria que ser.

Assim foram dezenas de encontros perfeitos nas suas imperfeições, um mais marcante que o outro. Uma festa na casa de amigos, 5 minutos que se tornaram 1 hora, um churrasco e uma mensagem especial seguida do modo avião, um sono de 14 horas de preocupação.

Sabe cena de filme? Com carta num lugar perfeito de surpresa inspirado no filme favorito da protagonista, então, até isso aconteceu. O evento do *Netflix* que perdeu um filme dos mais românticos dentro dele mesmo, pobres olheiros que perderam essa história para o cronista aqui.

Gabriel escreveu a carta inspirado no filme favorito dela, “Para todos os garotos que amei” em que as cartas fazem parte da trama, e o evento seria o lugar perfeito para fazer essa surpresa, afinal o local estava decorado com o tema do filme, os atores estariam lá, e tudo seria incrível, senão fosse o choro de Tallyta que quase o matou do coração, mas deixa em *off* isso, mais uma vez eram lágrimas de alegria.

- O que eu fiz? Desculpa

- Não, besta, são de alegria

E o abraçou fortemente, aliviado, sorriu na mesma medida que o coração se sentia aquecido. Na real, mais uma vez, tudo foi incrível e perfeito da maneira que tinha que ser.

Ressignificar, dar novo sentido a algo, alterar a sua essência. É isso que as misturas também provocam, mudanças. Sempre é uma viagem que passa por uma montanha russa de sentimentos e sensações. E esse é o ponto alto dessa história, no momento em que Tallyta resignificou um lugar com memórias ruins por novas boas memórias.

Avenida Paulista, Shopping cidade São Paulo, cinema. Gabriel convida Tallyta para assistir um filme que ele faria uma resenha para seu blog, rapidamente ela aceita e ao mesmo tempo aquela lembrança amarga surge em sua mente. Para ele seria mais um dia normal de sua vida, mas sem saber poderia mudar todo um significado de um lugar traumático, para ela o medo de reviver algo ruim e estragar algo novo muito bom.

Neste dia, foi um dos melhores momentos que passaram juntos, riram como se não houvesse amanhã, o filme foi incrível, a resenha se tornou a mais acessada no blog de Gabriel, foram se apaixonando na medida que construíam memórias. Para ela, o trauma ficou no passado, uma nova essência se criou naquele lugar, uma essência de companheirismo e amor.

Encerrando o passeio, comeram Batata Frita com sorvete, uma mistura diferente, mas que funciona, sorvete de creme e batata do “méqui”, doce e salgado, Gabriel e Tallyta.



Não castrate dois cachorros ao mesmo tempo

Os bairros paulistanos foram construídos de acordo com as necessidades que surgiam numa cidade que a todo instante estava em expansão. Cada vislumbre de povoado carregava em seu íntimo uma personalidade própria, essa qual era moldada por aqueles que a ergueram, o que proporcionou a existência de diversas “São Paulos” dentro de uma única São Paulo.

Por conta das singularidades de seus bairros, São Paulo se fez um lugar plural para as mais de 12 milhões de pessoas que encontram seu lar nesta megalópole. A vida se sustenta por meio de ciclos que nascem das experiências que a cidade oferece. E o que são experiências senão um emaranhado de sensações?

E, neste mundo, o ápice sensorial acontece assim que os laços se formam, sejam relações interpessoais ou elos afetivos criados com algo. As pessoas constroem vínculos durante toda a vida e, por muitas vezes, a cidade se mostra cenário vivo e mutável.

Conforme experimentamos a vida aprendemos coisas que não são previamente ensinadas, as pessoas aprendem o que é o amor, apenas amando e sendo amado, aprendem a sofrer, sofrendo, e não só em sentimentos os aprendizados se limitam, a vida ensina certas coisas valiosas na prática. No caso da história de Giovanna e Gabriel a lição fica em não castrar dois cachorros ao mesmo tempo enquanto se reforma uma casa.

Tudo começou em outubro de 2018 quando começaram a trabalhar juntos na Vila Olímpia, na época Giovanna tinha 20 anos e trabalhava há um ano na área de criação e design no marketing da empresa, Gabriel com 21 anos acabara de ingressar como videomaker e motion designer, e foi assim

trabalhando diretamente que esse laço se formou. Primeiro como uma amizade forte daquelas que marcam uma vida, depois esse laço foi lapidado.

É muito engraçado como a vida desenha esses encontros, pois Gabriel morava no extremo da zona sul e Giovanna na zona norte, mas se conheceram no meio da cidade. É bizarro pensar como senão fosse aquela empresa os contratarem, possivelmente nunca se encontrariam na geografia da cidade carregada pelos diferentes estilos de vida.

E nessa amizade floresceu um amor que foi se entrelaçando cada vez mais, se apoiaram um ao outro se mantendo fortes para superar as dificuldades que foram vivendo, uma relação de duas almas que se completam.

Em 2020 resolveram se mudar, a ideia era que cada um morasse sozinho, mas que fossem casas próximas, no fim acabaram decidindo por morarem juntos. Começaram a reformar a casa escolhida, eram noites e madrugadas viradas em que passavam pintando as paredes e ajustando os móveis, mas faltavam duas coisas importantes trazer Macarena e Jorge para a nova casa.

Macarena, uma cadela caramelo, estava com sua família na antiga casa de Giovanna; e Jorge, cachorro do Gabriel, já esperava em casa, porém o encontro ainda era impossível, pois ambos os cachorros não eram castrados. Gabriel os inscreveu no programa de castração da prefeitura, o popularmente conhecido como “castra móvel”, imaginou que demoraria algumas semanas até receberem a ligação para marcar uma data, foi quando dois dias depois recebeu a ligação marcando para a mesma semana, e um desespero bateu para terminar a reforma.

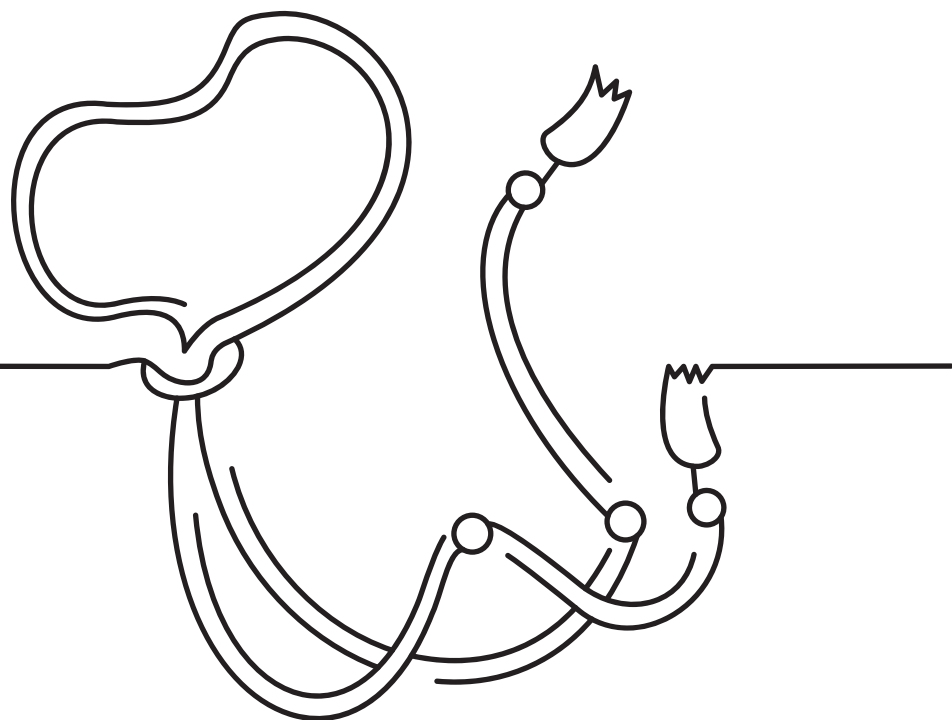
Após uma correria só e duas castrações feitas, a casa estava quase pronta para receber os novos moradores, o que não esperavam era que a reação de dois cachorros castrados juntos numa casa recém reformada não seria das melhores.

Foram dias difíceis com os cuidados da cirurgia, os cãozinhos precisavam ficar dentro de casa e, praticamente, os seus donos viraram reféns e só tentavam deixar tudo mais confortável para os novos residentes, os mesmos que fizeram xixi em todos os ambientes da casa com exceção do quarto, que brigaram entre si por espaço e depois correram brincando pela casa inteira.

Contudo nada disso foi um problema ou algo ruim para o casal, pois,

mesmo com as dificuldades, os sentimentos que pairavam eram de amor e felicidade por terem reformado a casa em que morariam pelos próximos anos, pela volta dos cachorros para o espaço deles, a casa, e que aquilo tudo era mais uma experiência, mais um emaranhado de sensações e, acima disso, era o começo de uma nova vida. A lição que Giovanna e Gabriel sempre falam para os amigos agora é: Não castrem dois cachorros ao mesmo tempo!

Amor improvável



Acredito que o amor seja um sentimento que se desenvolve de duas maneiras: Um amor esperado e outro improvável. No esperado podemos classificar com os clichês que conhecemos, nas coisas que não surpreende ninguém, talvez até sem graça, porém o amor improvável é aquele que acontece subitamente, no susto, na paixão que ferve o coração.

Viver em São Paulo é estar sujeito ao inesperado. Tudo é uma questão de estar respirando e conectado com a aura da própria cidade. E foi numa dessas situações que Natassjia se apaixonou por Odilon, num cenário pouco provável é verdade, mas do que isso importa quando falamos de amor?

Natassjia é uma daquelas pessoas ricas culturalmente que impressiona, de origem judia e com forte descendência argentina é poliglota que soma o francês, inglês, espanhol entre outras. Quando fez intercâmbio para o Canadá teve muitas transformações no modo de pensar, não só ela como sua família também.

Com a chegada da pandemia provocada pela Covid-19, sentiu-se tocada por toda a situação e decidiu que era hora de ajudar aqueles que mais precisavam no momento. Sua mãe que é bombeira civil se voluntariou na Cruz Vermelha, Natassjia se voluntariou também. Foi nesse ambiente de amor solidário que ela reconstruiu muitos pensamentos e questões internas, além de diversos laços que por lá fez.

Muitas das vezes algumas doações sobravam após as expedições e a Cruz Vermelha as levavam para outros grupos e associações que também faziam esse trabalho de doação e amor. Uma dessas associações marcou tanto Natassjia que decidiu voltar e ajudar mais vezes, esse grupo leva o nome de Sefras (Serviço Franciscano de Solidariedade), o seu trabalho foca em doações de alimentos na

região central da cidade de São Paulo para as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social.

E com os franciscanos alimentou muita gente pelo centro e fez amizades com os freis e os voluntários, Natassja sempre foi uma pessoa comunicativa que adora fazer amizade, e numa dessas missões conheceu o Frei estudante, Odilon, o que mudou o destino dos dois.

Odilon é natural de Santa Catarina, fez o seu ensino médio no seminário como como frei estudante e rodou o país por conta das missões, sua base era em Curitiba, mas foi transferido para São Paulo no Largo São Francisco onde dedicou boa parte do seu tempo no Sefras.

Apaixouaram-se logo de cara. Foi tudo muito rápido para ambos os lados, quando viram já estavam namorando. Odilon escolheu deixar o convento, a batina para trás e seguir o seu amor. Foi acolhido pela família dela em São Paulo, hoje estão se relacionando à distância, ele fica um pouco para cá, ela desce pra Santa Catarina e assim vai, o sonho é logo se juntarem em algum canto do país.

Engraçado como um propósito pode juntar duas pessoas de maneiras improváveis, como São Paulo pode mudar seu destino em questão de segundos. Esse é o contraste da vida, destinos que se cruzam para nunca mais serem o mesmo, se adaptam e não perdem a essência, porém nunca mais serão como antes.



Amores interrompidos

Amar em São Paulo proporciona roteiros hollywoodianos que variam dos contos de fadas aos romances fervorosos, das suas comédias aos seus dramas. A cidade que apaixona por sua própria estrutura, também é dos enamorados. Contudo a cidade nunca perde seu equilíbrio e não perde a oportunidade de ser uma linha tênue entre o início e o fim. Amar também é um flerte com a dor de um provável final.

Muitas de suas histórias partem deixando suas interrogações e pontos finais. Mas isso é a vida. É normal que aconteçam muitos finais, desencontros, terminos e desfechos não tão felizes, ainda que em certos casos há quem enxergue vírgulas que possibilitam os recomeços.

Ademais um relacionamento que chega ao seu término não significa necessariamente que “deu errado”, mas sim que “deu certo” enquanto durou. Um casal viveu junto por 30 anos, tiveram três filhos maravilhosos e agora esperam o primeiro neto, apesar de já separados, tem como afirmar que esses 30 anos “deram errado”? Todas as histórias aqui vividas deixam suas marcas nas vidas alheias, as memórias podem parecer tatuagens na cidade como um belo grafite.

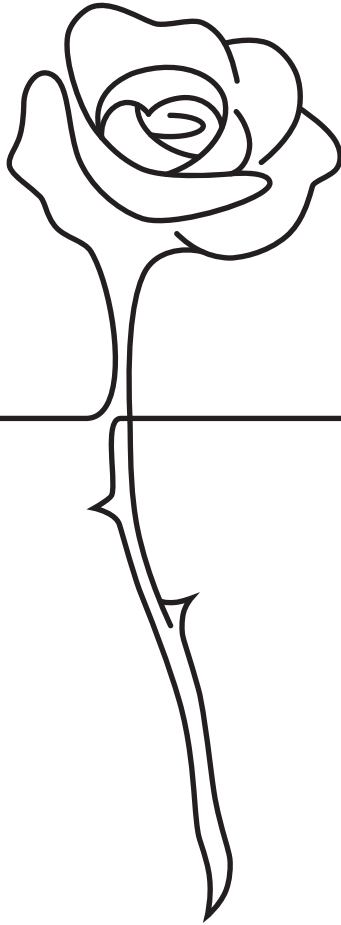
Por outro lado, certas histórias são interrompidas e impedidas de serem vividas, seja por tempo determinado ou para sempre. As cicatrizes também permanecem ao longo desta jornada.

O ano de 2020 será um eterno marco para os anais da história, neste caso, uma verdadeira cicatriz. O avanço da Covid-19 ocasionou uma mudança brusca na vida das pessoas, provocou uma sensação de insegurança a todo momento contra um inimigo invisível, mas perigoso. Atualmente o

Brasil soma mais de 560 mil mortos e um Governo Federal incompetente que por sua negligência agravou a situação do país.

O município de São Paulo até a metade de setembro de 2021 já registrou mais 37 mil vidas que não resistiram ao vírus. Tantas histórias que acabaram a sete palmos do chão sem nem a chance de uma despedida digna com velório, tantas pessoas se foram deixando de forma brusca aqueles que amam. Quantos maridos, esposas, filhos, avós, irmãos, amigos estão sofrendo por um luto inesperado.

E mesmo com todas as adversidades São Paulo continuará em pé para abraçar, hoje, aqueles que mais necessitam de sua consolação. Para os corações partidos, a cidade sempre deixará vírgulas em cada esquina para novos desdobramentos, para as interrogações uma resposta e mesmo após um ponto final, a letra maiúscula está a espera para um recomeço.



12 de junho

12 de junho é um dia complexo. As breguices e clichês fazem parte da paisagem cosmopolitana de São Paulo. Para onde se coloca o olhar há flores, balões e muitos corações... Ah! E não tem como esquecer das consagradas trilhas sonoras. Pode dizer que somente de lembrar do Dia dos Namorados, Fábio Junior apareceu cantando “Demorei muito para te encontrar, agora quero só você...” Pronto! Agora o cenário está completo.

E no meio desse caos há duas figuras clássicas. Os enamorados que estão ansiosos e preocupados, afinal tudo tem que ser perfeito: o presente; o restaurante; o date. A sociedade impõe isso, você precisa viver uma comédia romântica, e em uma cidade que te oferece tudo, não há desculpas, você não pode errar.

Mas a melhor figura de todas é a segunda: o solteiro. Totalmente deslocado na data. A cidade o encurrala. Muitos fingem não ligar, ficam ali amargurados por dentro e por fora com um sorriso amarelo.

Mas essa história não será sobre casais e seus causos, o nosso personagem se encaixa na segunda figura, Felipe. No auge dos seus 20 anos nunca passou um dia dos namorando em um relacionamento, de certa maneira acredita ter sorte por não gastar com presentes, mas é mentira dele mesmo.

Ele diz que a data não passa de uma mera artimanha capitalista para lucrar em cima de tolos, recorre até Platão: “Paixão é uma doença”. Ainda que no fundo todos saibam, inclusive ele, que Felipe só queria mesmo era se preocupar em preparar o melhor roteiro para um dia romântico.

O calvário começa duas semanas antes quando Felipe liga a sua televisão e só assiste comerciais fofinhos sobre um amor que, para ele, não existe... compre esse perfume... não sei o quê chocolates....

Resmungo:

- Aff! Mas que inferno, pura enganação de um mundo capitalista.

O próximo passo de sua Via Sacra não demora muito, logo ele tropeçará em flores, corações de papel nas ruas da cidade. Encontrará duzentos vendedores borrifando perfume doce na sua cara contra a vontade.

Felipe grita irritado

- Para irmão, vai jogar perfume na mãe.

O vendedor, claramente carioca, responde debochando

- Coé, brother. Chora não ela vai voltar.

Bom, Felipe levanta o seu dedo médio se arrependendo na mesma hora, e sua consciência bate “o que estou fazendo? Que pessoa me tornei. Mas está acabando, mais alguns dias só e voltamos ao normal”. Enquanto continua a escutar, em seu fone, que não existe amor em SP para se consolar. Mentaliza como sobreviver ao famigerado dia, vai sofrendo antecipadamente e em silêncio. Os dias passam e só piora os bombardeios de corações.

Em contrapartida ao mundo vermelho e os buquês dos enamorados, para o solteiro só resta fazer algo para não se sentir sozinho. A cidade lhe oferece fugas, seja em bares com outros solteiros afogando mágoas, seja num programa cultural com amigos ou sozinho. Felipe pode fazer tudo, mas escolhe se remoer. Ele sabe que vai sofrer, afinal é meio impossível não reparar a sua volta e se questionar... “O mundo está jogando na minha cara que estou encalhado?” De certa maneira, está sim.

Despertador toca, Felipe acorda, pega seu celular, desbloqueia a tela, e lá está: 12 de junho. Então repete sua rotina, pega o metrô decorado para a faculdade, olha para todos os lados e só há paixão. Ainda que em seu fone de ouvindo esteja tocando uma música qualquer que combine com sua melancolia. Durante o dia seu único pensamento é chegar em casa e se desligar deste mundo até aparecer o número 13 no calendário.

Depois de um árduo dia com muitas comemorações a sua volta, uma faculdade de casais e mais perfumes no rosto, chega a hora de voltar. A Via Sacra estava na décima quarta estação caminhando para a décima quinta. De volta ao metrô, ao sair da estação, faltando poucos metros para chegar em casa, ele

passa por uma senhora no alto dos seus 70 anos, muito doce com seu simpático sorriso, vendendo rosas. Vermelhas, amarelas, brancas...

Felipe passa por ela, queria comprar, mas não tinha para quem entregar. Continua sua caminhada olhando ao chão, quando de repente para, pensa, volta e pergunta:

- Boa noite, tudo bem? Quanto custa uma rosa?

A senhora muito gentilmente responde:

-Boa noite, tudo sim e com você? 5 reais, moço.

Felipe respondeu rapidamente:

-Me vê uma amarela...

Antes de se despedir e ir embora, a senhora disse:

- Espero que a pessoa que receberá goste.

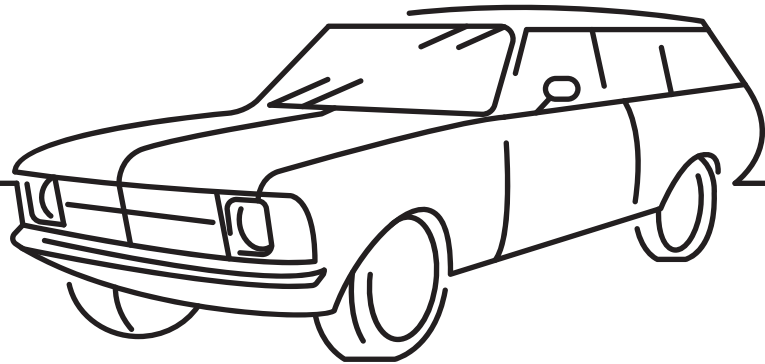
Felipe sorri timidamente e fala:

- Com certeza gostará.

Ele se vira, caminha calmamente, e aprecia seu presente até sua casa.

A solidão de São Paulo ensina a amar. Amar os pequenos momentos; os lugares; as pessoas, mas, principalmente, a si mesmo.

Meu doce tesouro



Quanto vale um tesouro? Ou melhor, o que é um tesouro? Provavelmente as respostas se mostrarão relativas e pessoais. A maioria responderia de acordo com os filmes - é um bauzinho cheio de ouro e joias enterrado numa ilha. - Poucos especificariam como algo diferente, um bibliotecário diria que a primeira edição de um grande clássico, o curador de arte falaria sobre alguma pintura. A questão é que tesouro, na verdade, é aquilo que imputamos valor e sentimento muito além do que cifrões podem contar. E essa história é sobre alguns desses tesouros.

Era tanta água que caía do céu naquela semana que os problemas de uma cidade grande com chuva apareceram. Enchentes, árvores caídas, acidentes em geral, mas um acontecimento provocado por esta situação mudaria os rumos da família Barra.

Toda família tem muito amor envolvido, gostos em comum, peculiaridades próprias e muitos sonhos que passam de geração por geração. E não seria diferente com os Barras. Neste caso, o grande tesouro que atravessa décadas é a paixão por Opalas. Paixão essa que nasceu no final dos anos 70 com o jovem casal Lúcia e Marcelo.

Naquele tempo, ainda adolescentes, frequentavam as corridas e os encontros de carros que aconteciam na Cidade Universitária e no final da Rua Augusta entre os opalas e outros clássicos da época e foi assim que se apaixonaram pelo carro enquanto se apaixonavam cada dia mais um pelo outro. Compartilharam o sonho de ter um Opala seis cilindros.

Rodrigo, seu primeiro filho, nasceu no meio dessa paixão, na verdade, ainda na barriga já escutava o ronco do motor inconfundível do Opala. Um tempo

depois, conseguiram adquirir o primeiro Opala de muitos, mas esse era quatro cilindros modelo de 1977.

Quando mais velhos, em 1989 o tão sonhado “seis cilindros” finalmente chegou, um Opala modelo 1979 bege, perfeito assim como o sonho, e nesse carro ou como Lúcia prefere, foi nessa máquina que Rodrigo se apaixonou mais ainda pelo mundo automobilístico e, em especial, bem você já sabe qual modelo...

Ao longo dos anos, Rodrigo foi se tornando cada vez mais protagonista nessa história de paixão e dedicação. Agora em sua adolescência sempre disse aos seus pais que seu sonho era ter um Opala para chamar de seu. Num certo dia voltando da escola com sua mãe, que é professora, foi quando viu uma linda Caravan Bege que estava a venda e ficou louco por ela, inclusive era um carro que ele namorava desde quando a tinha visto pela primeira vez num encontro de carros.

Seu aniversário de 17 anos estava próximo e Lucia resolveu surpreendê-lo comprando a Caravan. Fez tudo escondido e deixou o carro na frente da casa de seu pai conseqüentemente vô de Rodrigo, e quando ele chegou lá, ela lhe disse:

- Filho, comprei seu presente de aniversário

Ele respondeu:

Sério, mãe? O quê?

Ela apenas disse, está aí na sua frente.

Foi uma emoção impossível de conter, até Marcelo foi surpreendido com isso, ali o grande amor de Rodrigo se concretizava. Vale destacar que o carro ficou 1 ano guardado enquanto não completava 18 anos, desde então ele nunca mais se separou de sua Caravan. Hoje Rodrigo tem 38 anos e seu carro é conhecido no Brasil inteiro como a “Caravan Aspirada do Alemão (seu apelido)”.

Mas nem tudo são flores, como qualquer história, a Caravan que ganhou de aniversário continua intacta e cada vez mais perfeita, porém o carro de sua infância sofreu com aquela chuva.

Lúcia e Marcelo tiveram outros carros, outros Opalas e Caravan, mas nunca venderam o primeiro “seis cilindros” de sua vida, era um verdadeiro tesouro em suas vidas. O carro era como um talismã, representava todo um passado de muito amor, as crianças crescendo, Rodrigo e sua irmã Giovanna, o pai de

Lucia e seus irmãos já falecidos, a trajetória de vida de sua família, aquele carro sobretudo era uma essência que permanecia dentro de todos.

Porém com a chegada de outros carros e mudanças de casa, o “seis cilindros” e mais um Opala ficaram guardados num estacionamento que ficava pelo centro da Lapa, próximo a rua 12 de Outubro e com a chuva torrencial o pior aconteceu. Um dos muros do estacionamento desabou em cima dos dois carros da família Barra, dentre os mais de 50 carros no local foram os únicos atingidos, um desastre.

“E agora como contar para eles?” E assim foi o dia do dono do estabelecimento e de amigos da família que trabalhavam próximo ao local e estavam por lá. Lúcia e Marcelo não acreditavam no que viam, só choravam. Rodrigo estava no hospital cuidando de seu avô que estava internado e muito doente, quando chegou ao local teve a mesma reação.

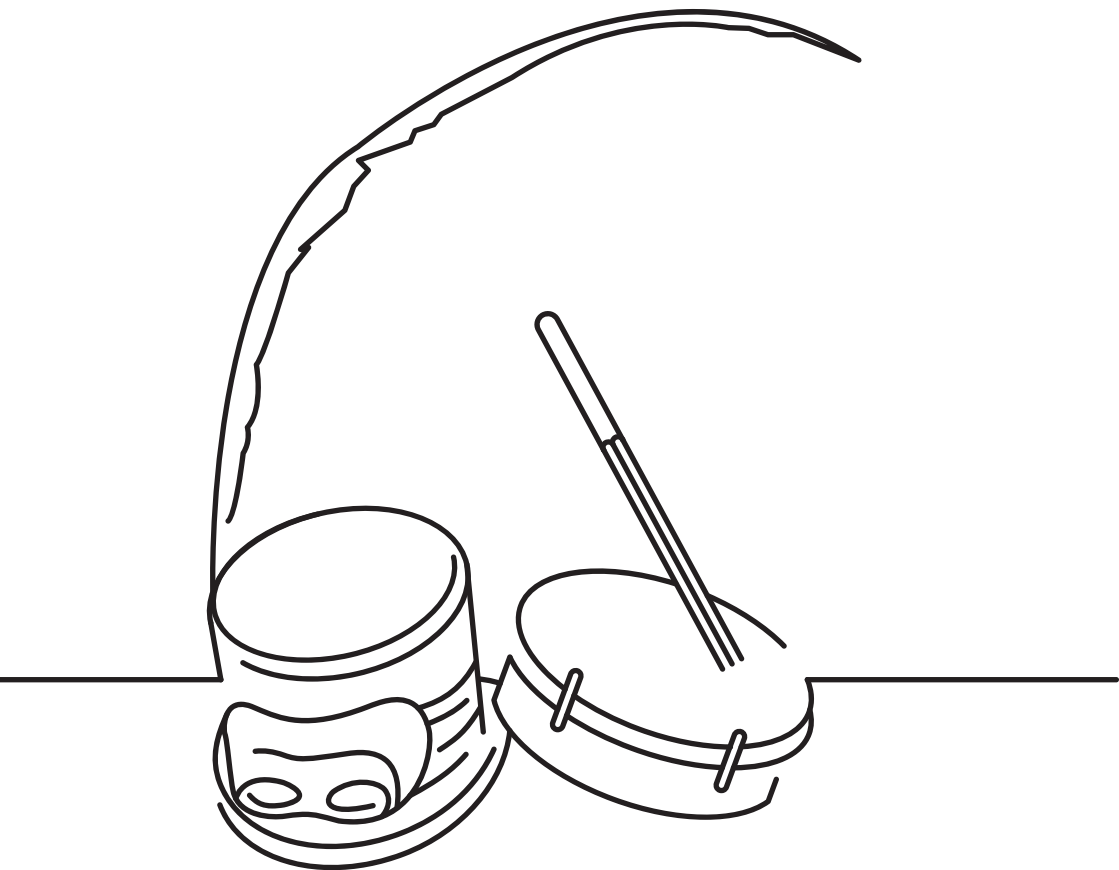
Marcelo então disse ao filho:

- Filho, você não precisa reformar o carro, eu sei que isso representa para nós. Mas não vale a pena, vai custar muito. Não se preocupa.

Contudo, Rodrigo disse:

- Não, pai. Esse carro é muito importante para a gente. Ele faz parte de toda a nossa história. É o começo de tudo. Eu vou restaurá-lo, não importa quando tempo ou dinheiro seja necessário. Um dia esse carro voltará a ser como ele sempre foi.

Desde então o carro está na oficina, dia após dia reconstruindo um pedaço da história... para que um dia novamente possam andar lado a lado pai, filho e neto com os seus tesouros, os Opalas e a família.



Lágrimas carnavalescas

O carnaval brasileiro se constrói como uma festa democrática que busca igualar a todos que queiram dela fazer parte, não importa a sua classe, gênero, cor ou sexualidade; a única coisa que importa é a alegria que existe dentro de ti. É uma festa tão singular que não há possibilidade de comparação com nenhuma outra ao redor do globo terrestre.

As maneiras de comemorar a data divergem de acordo com os costumes característicos de cada cidade ao longo de todo o território nacional. No Rio de Janeiro, o carnaval se faz internacional, brilhante e mágico com suas incríveis escolas de samba que desfilam colorindo a Sapucaí; no Nordeste, as capitais se destacam pelas festas em suas ruas que lotam, sempre, cada pedaço de asfalto seja com os trios que sacodem os abadas e pipocas em Salvador ou até mesmo os grandes bonecos de Olinda que chamam a atenção de quem longe à vista; contudo, em São Paulo, o carnaval é uma grande mistura de tudo isso de forma completa.

O carnaval paulistano marca principalmente a sua presença nas ruas da cidade com os milhares de blocos que acontecem ao longo dos cinco dias oficiais, além de mais algumas semanas de esquentar ou pós-carnaval, a grande diferença é que aqui a festa se faz mais acessível com os blocos gratuitos. A rua devolve um pouco de alegria para aqueles que ao longo de todo o ano a tanto lhe fez viva.

E impossível não falar dos desfiles que acontecem no Anhembi que marcam o início do carnaval para todo o país quando na sexta à noite a primeira escola pisa na avenida, obviamente com muitas diferenças das escolas do Rio, mas sem perder a essência e o brilho de toda a felicidade que há nesta festa.

O carnaval é uma simbiose para o paulistano, pois para quem aqui vive é levado a acreditar que, em São Paulo, somente o trabalho importa, o que não é verdade alguma, e é nesses dias de pura festa que as fantasias tomam conta da cidade, tudo se colore de alegria e um pouco de loucura para um povo que só precisa extravasar.

E tem pessoas que no carnaval descobrem uma paixão. Um amor que surge de diferentes maneiras, mas que convergem, sempre, para esta mesma festa. Seja nas confecções das fantasias, nas construções dos carros ou na bateria das escolas, nesse lugar muitos encontraram o seu propósito de vida e são nessas agremiações que representam os bairros e seus moradores em que se encontra histórias como a de Brener, um garoto que sempre amou o carnaval e tinha como sonho fazer parte deste mundo.

E naquele 6 de fevereiro de 2016 marcaria o início de suas histórias na avenida do Anhembi, entraria no terceiro desfile daquela noite de sábado pela bateria da Acadêmicos do Tucuruvi com o samba enredo intitulado “As festas de fé” que tinha como objetivo celebrar as religiões do Brasil.

Toda sua trajetória no samba foi uma prova de amor e fé naquilo que havia começado muitos anos atrás, ainda criança quando adentrou o sambódromo pela primeira vez levado por sua mãe e neste momento, foi paixão à primeira vista. Contudo foi um amor proibido pelo seu próprio pai que não gostava da ideia de uma criança dentro do ambiente carnavalesco, na época Brener não entendia, mas no futuro compreendeu os motivos por meio dos próprios olhos.

Essa história de amor foi interrompida por mais de 8 anos e teve seu reencontro em 2015, quando tinha 14 anos, num sábado em que estava entediado e sem saber o que fazer, recebeu um convite que caiu do céu através de sua madrinha para participar da escolinha de bateria com os filhos dela na quadra do Acadêmicos do Tucuruvi, e ele aceitou aquilo que mudaria sua vida para sempre.

Foram muitos meses de ensaios até a confirmação que desfilaria pela escola, foi escolhido como um dos destaques da juventude ritmista. Era janeiro e ansiedade já estava a mil por hora. Os últimos preparativos se acertavam juntamente com os perrengues que, também, aconteceriam com o Brener até o tão sonhando dia. Como na noite em que recebeu a fantasia, perdeu o ônibus

de volta para a sua casa que fica em Pirituba, caiu na ladeira da quadra e ainda precisou caminhar por quase 1 hora e meia pela madrugada paulistana.

Conforme o desfile se aproximava, não só a frequência como também a intensidade dos ensaios aumentavam na mesma proporção, foram finais de semana duríssimos de muita dedicação e exaustão, mas o carnaval era seu foco e Brener sabia que tudo valeria a pena quando estivesse na avenida.

Na semana do dia 6, ao pegar o celular, recebeu a mensagem sobre a previsão do tempo, na noite de seu desfile choveria muito, como há muitos carnavais não chovia. E aquele sentimento de ansiedade pelo desfile, juntou-se com o medo de uma chuva que poderia estragar tudo.

Novato, não tinha noção de qual horário deveria chegar para o desfile. Perguntou ao seu mestre e companheiros ritmistas que o disseram para estar no Anhembi as 19 horas para um esquentar, inocente pensou que seria mais um ensaio ou aquecimento, hoje, ele sabe que 45 minutos de antecedência é mais do suficiente para se posicionar na concentração, mas como na época não imaginava se programou para chegar o mais pontual possível.

Naquele dia 6, Brener mesmo tendo passado a tarde com os amigos no bloco do Sidney Magal na Vila Mariana, não conseguia pensar em outra coisa senão o desfile daquela noite e não tinha como ser de outra maneira. Retornou cedo para sua casa, se arrumou, colocou a fantasia pesada da bateria e assim que possível pegou o ônibus que o levaria até a barra funda para então percorrer de metrô até a portuguesa-tietê

No caminho se preocupava com as nuvens que ali se formava e ao sair do subsolo das linhas do metrô enxergou então aquele temporal prometido em sua frente e só conseguia pensar que deveria chegar as 19 horas no sambódromo, esperou 5 minutos e não parava de cair água, sua decisão? Correr aqueles quilômetros até o Anhembi, com fantasia e tudo mais que era possível...

Corria enquanto se molhava e aquela água que enxarcava a fantasia e seu rosto eram quase como lágrimas que caíam das nuvens, mas eram lágrimas de alegria não só dos céus como também as de Brener que estava correndo em busca de realizar seu sonho de infância.

Ele chegou na concentração, a chuva logo parou, procurou um lugar seco e se sentou para deixar a fantasia secar o necessário, por sorte a água não ha-

via estragado nada. Mesmo ao entender que não teria nenhum aquecimento ele não poderia estar mais feliz por estar ali. As horas passaram, as primeiras batidas da bateria foram ouvidas por todos na avenida e, extremamente concentrado, Brenner adentra a avenida com seus pés e o tamborim em suas mãos e com os olhos que brilhavam assim como os refletores que iluminava o glitter das fantasias.

A emoção foi tanta, superando as expectativas de criança, que nos anos seguintes chegou a desfilar em três agremiações no mesmo dia.

O tempo de São Paulo

O tempo é uma característica única de São Paulo. A verdadeira essência da cidade é o seu próprio relógio que se consolidou como o lastro de uma aura cosmopolita. Da mesma maneira em que qualquer situação é extremamente acelerada para o paulistano, em outros momentos, quase que como um feitiço, os ponteiros da cidade congelam para que se possa contemplar a vastidão de São Paulo. É neste instante que a arte rompe a camada superficial e colore o dia, o amor surge pairando no ar e os sons formam uma sinfonia rústica por meio deste caos urbano com os instrumentos exclusivos de sua paisagem icônica.

Ao observar o paulistano e seu ritmo compreende-se como tudo acontece numa velocidade diferente do resto do mundo. Seja em seus momentos acelerados, lentos ou, simplesmente, em suas singularidades. Quem um dia pisou nesse solo, de terra roxa coberta por concreto entende essa “liquidez que escorre pelas mãos”, como teorizou Zygmunt Bauman.

Caso recorramos a mitologia grega é possível imaginar que o tempo da cidade ainda é controlado por esse antigos Deuses, a sua aceleração diária sob os olhos de Chronos, o Deus do tempo, mesmo que sua cronologia seja soberana é composta de efemeridades pintadas por um falso ouro sem valor. Enquanto Chronos domina, do outro lado, Kairós é o detentor de uma dimensão em que tudo é possível, onde os sonhos são reais e a única coisa que importa é contemplar a beleza do momento. Kairós é o relógio de diamante congelado, Chronos a realidade implacável.

O tempo tem seus impactos físicos que refletem pela cidade que envelhece e se renova em partes. Os ambientes se transformam em verdadeiros deixando sua função de um mero cenário para que seja o personagem principal de toda uma história.



Suas paisagens, muitas vezes, são como uma máquina do tempo que nos transporta para o passado. O tempo corre, gerações passam, vidas nascem, histórias morrem, mas certos lugares não padecem e ali permanecem, resistem. Das arquiteturas barrocas a expansão urbana pelos vales formando uma cidade torta e sem planejamento, mas que não haveria possibilidade de ser mais perfeita.



Três atos

Assim como o teatro, a cidade muitas vezes é um contraste de realidade e ficção. Ela suscita tantos encontros e desencontros que chega a ser difícil não imaginar que vida está inteiramente roteirizada. Outros já a relacionam com a música, pois são tantas melodias, sons, e vozes que fazem São Paulo se encaixar perfeitamente como sinfonia. Beethoven, Mozart ou Vivaldi fica a sua escolha.

São Paulo se mostra uma cidade plural que busca fazer de cada canto de suas ruas num lugar único e mágico, para que cada espaço seja fértil de oportunidades e de histórias. As pessoas que aqui vivem a constroem como um ambiente polifônico permitindo você ser quem você queira ser.

É meio louco de acreditar que um encontro possa reunir Nova York, Recife, Moscou e duas almas para o resto da vida, mas quando duas vozes especiais se encontram tudo se torna possível. E foi assim com Gabi Ohl e Maria Gerjoy que seria complicado contar essa história em apenas três atos de um musical.

Era abril de 2019 e ambas entraram no reality show de teatro musical da TV Cultura, elas nem imaginavam que aquilo seria um divisor de águas não só profissionalmente em suas vidas, mas, sim, inteiramente. Porém isso não começa aqui, há uma longa caminhada para que esse encontro acontecesse.

Maria Gerjoy, hoje atriz de teatro musical com um currículo gigantesco que inclui apresentações na Broadway, vem de uma família de origem russa e judia. Apesar disso, as gerações mais recentes são uma grande mistura improvável de recifense e novaiorquinos. O que só ocorreu “graças” a um ferimento de batalha no meio do Oceano Atlântico durante a segunda guerra mundial.

Ainda na primeira-guerra, seu tataravô fugiu com a família da Rússia para

a ilha de Manhattan, nos Estados Unidos. Seu Bisavô, Ben Gerjoy, nasceu por lá mesmo, no Brooklyn. Aos 17 anos mentiu sua idade e se alistou para lutar na segunda guerra pelos Estados Unidos da América. Durante uma das batalhas náuticas no meio da vastidão do Atlântico sofreu um ferimento e, juntamente com outros soldados também feridos, foi levado para o porto mais próximo, no caso, por sorte ou destino, era o de Recife.

Ainda se recuperando em terras recifenses conheceu uma doce jovem brasileira, Hidelita, e foi paixão à primeira vista para os dois. Ele não falava nada de português, ela muito menos de inglês, e mesmo com as barreiras linguísticas, viver esse amor não foi um problema. Dessa maneira a família Gerjoy ganhou mais um braço de ascendência no mundo, russos, estadunidenses e brasileiros. As gerações seguintes nasceram nessa ponte área Recife e Nova Iorque.

Então muitos anos depois chegamos em Maria, nascida no Brasil, mas ainda bebê se mudou para o lar anglo-saxônico da família. Foi no estado da Georgia, ainda criança, seu primeiro contato com os musicais, na escola. Era a melhor aluna, criou um traço perfeccionista para não sofrer preconceito por ser brasileira. Viveu ainda em Illinois, mas poucos anos após seu irmão nascer, retornou para o Brasil aos 10 anos de idade e aqui construiu sua jornada de vida e profissional.

Eu poderia escrever muitas linhas sobre sua carreira, mas adiantando um pouquinho o passo, chegamos ao primeiro ponto alto: a sua participação no Broadway Brasil, um grupo que vem de fora do país para ensinar e procurar novos talentos. Após entrar para o grupo foi solista de seis números, além das outras apresentações em conjunto do programa. Após esse período foi convidada a se apresentar nos palcos da verdadeira Broadway, lugar que de certa forma faz parte de sua essência vindo lá de Ben, e para lá foi com seu melhor amigo que também havia passado nas audições.

Tudo foi perfeito, intercâmbio cultural e profissional imenso, além das grandes apresentações no centro mundial dos palcos. Voltando ao Brasil, a sensação era de gratidão, mas simultaneamente um leve desespero, e agora? Qual o próximo passo?

Nessa altura, Maria já havia se mudado para o eixo Rio-São Paulo em busca de oportunidades no mundo do teatro musical, apesar de seu currículo

invejável o mundo do Show Business não é fácil e cheio de injustiças e nuances obscuras, mas sua mentora, Bia Lucci, uma das maiores diretoras de teatro musical do Brasil, nunca a deixou desistir.

Em São Paulo, após loucas semanas somando 36 voos para participar de audições nos mais diversos lugares, surgiu a oportunidade de participar de um reality show de teatro musical na Tv Cultura. Essa seria sua próxima audição. Uma que mudaria sua vida, mas não necessariamente profissionalmente para ela.

De uma maneira menos épica, como ela mesmo define, chegamos ao outro lado dessa jornada, o lado de Gabi. E assim enxergamos como essas duas almas se contrastam em muitos tons, apesar de muito parecidas, em outros momentos aparecem as diferenças de personalidades e caminhada.

Gabi, diferente de Maria, sempre residiu no mesmo bairro, na mesma rua e na mesma casa, nunca foi muito adepta ou acostumada a mudanças e viradas bruscas de percurso. Teve uma infância e adolescência mais tímida em muitos sentidos, o que mudou (um pouco) quando aos 16 anos passou na ETEC de artes e por lá pode se expressar através de seu talento e sonhos. Nesse mundo nunca mais saiu.

Contudo, sua carreira se construiu num ambiente totalmente diferente do de Maria, muitas peças e apresentações eram de caráter amador e sem muita estrutura, mas com o reality show tudo mudaria em sua vida, e nesse caso realmente seria uma virada brusca no seu caminho.

Então chegamos ao “Cultura – O musical”. O programa teve 10 episódios entre as eliminatórias e a grande final, porém isso não vem ao acaso. Obviamente você deve estar pensando e imaginando como se conheceram, provavelmente especulando que foi tudo perfeito, um encontro mágico no mundo de Oz, com sapatilhas da cinderela e o musical do Wicked ao fundo, porém não foi tão rápido e simples assim, o que não apaga a beleza de um amor maduro confeccionado com muito esmero.

No dia das audições todos os candidatos poderiam assistir as apresentações em televisões enquanto aguardavam nos bastidores. Os mais próximos para entrar no palco ficavam numa sala extra, bem fechada, com muita tensão e suor do pessoal. Neste dia, elas não se conheceram de fato, mas Maria teve a

oportunidade de assistir à apresentação de Gabi e achou o máximo em todos os quesitos. Adorou a escolha da música, a voz e, inclusive, a achou super linda.

Ambas foram escolhidas como participantes do reality, conforme os episódios foram acontecendo, elas foram se conhecendo e uma amizade surgiu naturalmente pelos camarins e coxias da TV Cultura.

Apesar de não terem vencido a competição, muitas coisas mudaram em suas vidas. Maria ficou mais conhecida, ganhou mais notoriedade e logo engatou outro musical. Gabi foi introduzida no mundo do show business, ganhou espaço e, também, foi aprovada em seu primeiro musical profissional. Contudo, a ascensão profissional não foi o principal ponto, mas sim o encontro de almas.

O mundo do teatro musical é uma bolha, não é muito difícil que as pessoas se reencontrem. Gabi assistiu a peça que Maria protagonizou, se encontram em mais eventos do reality, aniversários de amigos em comum e aquela amizade de bastidores foi se consolidando cada vez mais.

Nesse meio tempo, Maria já estava interessada por Gabi, porém entre rodas de conversas descobriu que Gabi se identificava como heterossexual, o que de certa maneira a deixou um pouco decepcionada, mas vida que segue e se aproximaram ainda mais até que se tornaram amigas inseparáveis.

Fizeram um curso de férias juntas, depois escolheram uma escola de dança para estudarem juntas e lá conheceram dois irmãos gêmeos, logo formaram um quarteto que não se desgrudava, estavam sempre juntos, dormiam nas casas uns dos outros, ensaiavam, aperfeiçoavam a dança e o canto, praticamente viviam juntos.

Foi quando começaram a sentir algo a mais uma pela outra. O que gerou conflitos internos em ambas. Enquanto Maria se recusava a acreditar que estava se apaixonando por alguém que na teoria nunca teria chance por conta da sexualidade, Gabi se questionava se aquilo que ela sentia era só amizade ou não.

Ela pensava, “eu nunca tive uma melhor amiga ou estou gostando dela, será que não estou me permitindo?” e esse processo de entender aquilo que está sentido leva tempo. Entretanto, ela não queria tentar algo se não tivesse

certeza do que estava sentido, não queria “experimentar” e ao mesmo tempo sabia que só aconteceria algo se tomasse atitude, pois Maria não forçaria nada, apesar de acreditar que Gabi gostava dela, tinha na cabeça que ela ainda se identificava como heterossexual.

No fundo, algo dizia para Maria que elas ficariam juntas no final, ela sempre brincava com os amigos quando a assistia cantando, “ainda vou me casar com essa menina, anota aí”.

E a vida seguiu, melhores amigas, mas Gabi começava a se apaixonar cada vez mais, enquanto Maria jogava uns “verdes”, mas sem muita esperança. Num dia estavam numa festa de aniversário, em que todos dormiram na própria festa, ambas ficaram na mesma cama e conversaram por toda a madrugada. Gabi torcia “me beija”, mas não tinha coragem de tomar iniciativa, mesmo sentido que aquele seria o momento perfeito. Enfim, não foi dessa vez. Porém uma coisa ficou em sua cabeça, “eu preciso agir senão perderei o amor de minha vida”.

Era bem engraçado, pois segundo elas contam, a vida que levavam já era uma vida de casal, faziam tudo juntas, tinham encontros claros, atravessavam a cidade apenas para estarem uma com a outra e foi assim que São Paulo se fez cenário presente deste amor. Nesses tantos momentos, elas apenas se sentiam felizes e completas por estarem vivendo essa relação, o coração estava aquecido. Praticamente elas namoravam, sem namorar.

E no dia 19 de dezembro de 2019, quase oito meses depois de se conhecerem nos palcos, finalmente o primeiro beijo aconteceu. Elas estavam na casa dos amigos gêmeos, estavam deitadas quando Gabi tomou coragem e beijou Maria. “BOOM” foi uma explosão de sentimentos, alegria e ao mesmo tempo uma ansiedade.

Os amigos chegaram e brincaram: “se comportaram direitinho”; Maria sempre foi uma pessoa brincalhona e tirava de letra nas repostas, mas nesse dia ela simplesmente travou e não conseguia completar uma frase. Eles desconfiaram mais ainda.

No mesmo dia saíram os quatro e mais alguns amigos por São Paulo, mas Maria estava de certa maneira aflita, achando Gabi distante e que talvez ela tivesse só experimentado algo novo, mas isso era exatamente o que Gabi não

queria que ela pensasse. Quando foram se despedir naquela noite, Gabi a beijou rapidamente, e Maria então pensou “Talvez ela não esteja brava comigo”.

Ainda aflita, Maria conversava pelo celular com ela, mas sentia que tinha algo estranho. E o medo de não dar em nada e ainda estragar essa amizade. No dia seguinte se encontram na Paulista e agora, Gabi a beijou na frente do Shopping Center 3 onde todos pudessem ver e o pensamento de Maria agora foi, “Gente, ela gosta de mim”

E sabe, para Maria isso foi mais uma prova de amor. Enquanto desde muito nova já se identificava como pansexual sem tabus na cabeça, ela sabia que Gabi pouco havia se relacionado amorosamente ao longo da vida e muito menos uma relação homoafetiva.

Ainda que praticamente estivessem “namorando” há muito tempo, não foi um impedimento para que acontecesse um pedido oficial e fofo. Elas estavam visitando o Museu de Imagem e Som de São Paulo, o tema da exposição era de filmes e teatros musicais, perfeito não é mesmo?

Num dos espaços tinham um painel que você escolhia uma música e ouvia com alguém, Maria selecionou sua canção favorita que por ventura se tornaria trilha sonora do relacionamento, chamada “People” do musical “Funny Girl”. A letra fala mais ou menos assim “People who need people, are the luckiest people in the world”, numa tradução rápida, “Pessoas que precisam de pessoas, são as pessoas mais sortudas do mundo”

Maria precisa de Gabi e Gabi precisa de Maria e por isso são as pessoas mais sortudas do mundo. Os três atos não terminam por aqui, a história continua a ser escrita ao redor do globo todos os dias, seja em Recife, Barcelona, Lisboa ou Nova Iorque, não importa o lugar, o amor continuará a seguir os batimentos desses dois corações que se sincronizaram pela primeira vez aqui em São Paulo.



O centro pelas gerações

São Paulo é desenhada pelas pessoas que aqui vivem e fazem deste lugar uma cidade especial. Infelizmente sabemos que as mesmas não permanecerão vivas pela eternidade, mas os seus legados deixados para as futuras gerações, esses sim serão eternos.

Os resquícios e espólios estarão dentro da essência da cidade, nos prédios que perduram por mais de 100 anos assistindo e sendo a história, nas políticas que mudaram os rumos de São Paulo, na cultura construída pelos artistas que fizeram de sua vida paulistana, arte.

Para alguns o centro de São Paulo não passa de um local para trabalho ou que faça parte de sua rotina diária, mas certas pessoas encontram lazer num centro que se faz vivo em cultura e entretenimento quando retira sua jaqueta do mundo corporativo. O centro que é arte em seus teatros, cinemas e museus; que se faz sacro em suas catedrais, mosteiros, mesquitas, templos e sinagogas; que se faz lazer em suas calçadas decoradas e que se faz memória em seus cemitérios que abrilhantam o descanso eterno das figuras que são mais paulistanas do que a própria rua da consolação.

A cidade com certeza não é a mesma ao longo dos seus 467 anos, contudo ela se transfigura sem perder sua essência da selva de concreto. Sampa se adapta de acordo com as necessidades, porém certos lugares permanecem como vestígios de suas transformações. Muitos de seus edifícios no centro não exercem as mesmas funções de um passado não tão longínquo, se renovaram, mas aquele concreto continua lá como lembrança de uma história. Devidas as proporções o centro paulistano é a nossa Pirâmide de Gizé.

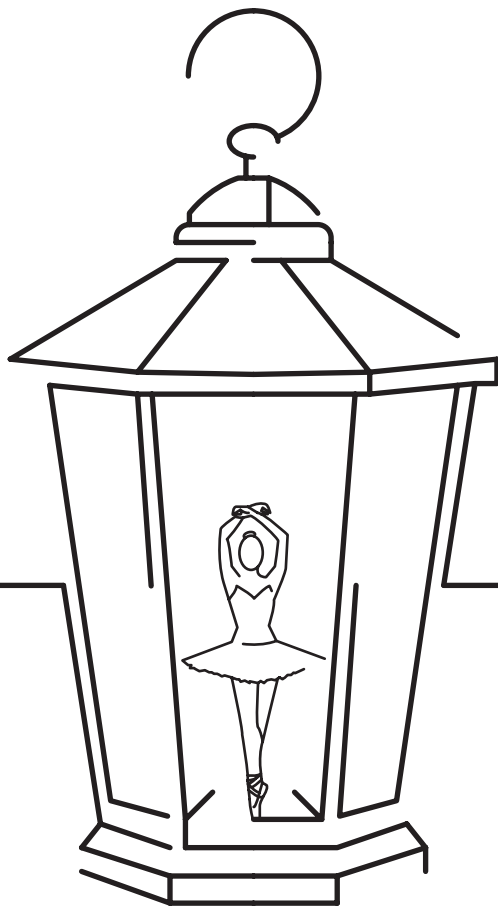
De geração em geração os costumes e atos são reproduzidos de maneira que

se cria um efeito cíclico de repetições como uma roda gigante. A cidade se faz presente na história de Nilcéia desde seu nascimento em 1954, paulistana nata, em sua vida São Paulo é mais do que um cenário, é personagem vivo em sua memória.

Passear pelo centro da cidade aos finais de semana era o costume passado por seu pai durante a infância, admirar a beleza da cidade e desfrutar das coisas que o centro lhe oferece foi o seu legado. Ela lembra que na época se vestiam com ternos e vestidos para visitar a cidade, era um evento importante e que requisitava elegância assim como o centro aparentava por meio de sua aura.

Com o edifício Martinelli que esbanjava sua classe e contrastava com o modernismo do Altino Arantes com sua *art déco*, que até hoje encanta quem de longe enxerga no topo a bandeira paulista, ali se flanava pela Rua XV de novembro, pela direta, pela São João e até na Ipiranga, no largo São Bento um caos que se mistura com a paz na clausura do repouso de seus monges, na Sé a recém-construída Catedral Metropolitana de São Paulo e assim as centenas de detalhes do centro paulistano marcava sua história

Hoje, com os papéis invertidos a história se repete com sua família, esses passeios continuam frequentes apesar de um pouco diferentes do que se lembra, afinal não precisa mais se vestir para um casamento para visitar o centro. Hoje o que recarrega as suas energias é ver seu neto admirar aquilo que ela admira há tanto tempo, a cidade de São Paulo.



Lâmpadas para nossos pés, luz para nossos caminhos

Ainda que São Paulo seja um dos lugares mais iluminados do mundo, as luzes da cidade não são suficientes para o verdadeiro brilho paulistano: as pessoas que cá vivem. Aqui, todos procuram uma forma de brilhar, quando me refiro ao ato de “brilhar”, não penso somente na antiga visão de “sucesso, fama e dinheiro”, mas, sim, em fulgurar o seu eu interior. Expressar-se. São Paulo é arte e arte é São Paulo

Não importa para onde os seus olhos apontarem, facilmente as artes surgirão ao seu redor. No “Minhocão” os apaixonantes grafites decoram os velhos prédios do Arouche, O neoclassicismo arquitetônico da Pinacoteca e suas milhares de obras, na Avenida Paulista o coração da cidade pulsa por meio do vermelho das deslumbrantes colunas do MASP, no Teatro Municipal se encontra a verdadeira Meca das apresentações artísticas paulistanas.

Há pessoas que não percebem os ricos detalhes oferecidos por São Paulo, mas há outras que são bombardeadas por essa esmera cidade e se apaixonam. E sorte de quem não só experencia isso, mas vive por ela. Entre tantas artistas apaixonadas por esse mundo, conheci uma das mais talentosas pessoas que eu poderia, Ana Laura, da sutileza do ballet ao concretismo da poesia cresceu e se educou permeando pelo mundo da arte.

Quando conversamos eu procurava saber qual era a sensação de ser artista neste palco colossal. Sabe... somente por sua empolgação na voz e pela doce risada ao lembrar de sua trajetória, eu já tinha todas as respostas ali. Não precisaria de mais nada.

A paixão resplandecia de dentro para fora. Ainda que sem dúvidas houvesse o brilho artístico, o que mais reluzia é que isso era o seu destino. Independente-

mente de suas escolhas ao longo da vida, arte sempre a acompanhará de alguma maneira. A arte faz parte de quem Ana é. Não é um propósito, não é um *hobby*, é a sua própria essência.

No início, ela me contava sobre a sensação de estar no tablado, de como aquilo era uma coisa única, e a cada palavra dita eu me teletransportava para dentro de um palco, mesmo nunca tendo subido em um.

Ana dizia:

- É uma coisa sinestésica.

E eu, curioso, questionava:

- Mas como assim sinestésica?

Ana continua detalhando:

- Quando você está se preparando para entrar no palco você vê a plateia, mas quando você entra no palco a luz bate em ti de uma maneira que tudo fica escuro e só existe o palco. É uma sensação de presente, nada mais importa, só o aqui e o agora.

Questionei mais uma vez:

- O tempo é diferente então?

A resposta foi bem clara:

- O tempo do palco é totalmente diferente. Ele se desdobra. Quando algo fora do roteiro acontece, parece que foram minutos quando na verdade foram poucos segundos. É um tempo mais real, muito mais vívido e volátil.

Arte é trazer sensações, é fazer presente, é pensar e perceber que estamos respirando. Não importa quantas vezes se observa uma obra em um museu ou assista uma peça no teatro, a experiência nunca será a mesma e muito menos o mesmo entendimento. Para Ana a arte não foi feita para ser bonita e, sim, para sentir algo.

Ela diz:

- Se você vai a um museu e não sente nada, é algo no mínimo triste. (risos)

Ao longo de sua vida foi o que Ana nunca deixou de fazer, sentir. Não impor-

ta se a sensação era boa ou ruim, mas a arte era à sua maneira de se expressar. Foi o seu presente a todo momento.

Foram tantas apresentações em sua vida, marcantes ou não, mas cada uma com sua própria importância. O Ballet e o Jazz quando criança, peças teatrais, apresentações de rua e até mesmo a virada cultural de São Paulo fizeram parte de sua história.

Uma das coisas mais espetaculares na arte é o seu processo de criação. Ana lembra com muito carinho de tudo aquilo que precede a apresentação e como esse período para o artista é único e importante. Não importa se é a construção do cenário, do figurino, os ensaios e até mesmo as falas e vibrações pré-espetáculo.

Ela frisou:

- Quando você começa a fazer apresentações, muitas vezes não pode ver o produto. Mas há algo no processo que faz todo o sentido.

Um momento marcante para Ana eram suas apresentações quando criança, porém, em especial, a preparação na coxa durante aqueles poucos minutos que duravam uma eternidade. Em sua memória permanece claramente estes momentos, em especial, quando seu grupo se juntava e fazia uma grande roda de vibração e oração para que tudo ocorresse bem.

Ana conta:

- Nos juntávamos, nos concentrávamos e então me lembro bem desde a primeira apresentação o pedido do nosso coreógrafo – “Olhe para a pessoa da sua direita e diga: Eu preciso de você” – e todas iam dizendo e repetindo esta frase uma as outras. E aquilo era especial. Logo em seguida repetíamos uma frase muito linda “Lâmpadas para nossos pés e Luz para nossos caminhos”

E nessa última frase foi quando percebi como a arte é uma luz todos, seja para os espectadores ou para os artistas, é um remédio para a alma. Por meio da arte muitos percebem que a luz está no seu pé e não precisa procurá-la em outro lugar ou em outras pessoas. Você é a luz! Pode e deve iluminar os seus caminhos.

Uma reflexão que Ana trouxe é sobre como a arte é um processo de amadurecimento e que o turning point é quando se entende que a arte não tem que ser competitiva, e sim que a arte tem que ser para si.

- O importante é no final do dia você se sentir grato pela arte que esteve comigo. Seja no palco ou no seu quarto.

Esse pensamento surgiu para Ana quando ela percebeu nas pessoas ao seu redor que a competição estava acima de tudo, que a arte não importava de verdade. Enquanto crescia nesse ambiente muitas situações a incomodaram, em especial, quando percebeu que muitos pensam que a arte é para poucos e transformavam algo tão simples e de todos, em algo extremamente elitista ou então nos preconceitos com pessoas que fugiam de um padrão para o Ballet por exemplo.

- Eu queria que todo mundo tivesse um ambiente mais frutífero para a arte, a arte tinha que ser para todos. Infelizmente, muitos ainda a enxerga como elitista e não é para ser assim. Não precisa de muito para se fazer arte, ela pode acontecer e deve acontecer em qualquer lugar.

A sua história finaliza nos palcos com uma apresentação muito especial e importante para o seu entendimento de arte. Convidada por uma coreógrafa amiga chamada Bruna Dias, a ideia era criar um espetáculo juntamente com uma ONG que leva arte para alunos que não tem acesso em escolas artísticas por questões financeiras.

A peça escolhida foi “A bela e a Fera”, seu papel uma das trigêmeas, o trabalho foi insano, mas o mais gratificante. Sua participação inicia desde os primeiros ensaios e preparações da peça, até a construção de cenário e figurino, terminando com o *gran finale* a apresentação. Foi um sucesso.

Ana recebe um abraço logo quando acaba de uma de suas colegas e escuta no pé do ouvido.

- Parabéns, você tem que ter orgulho do que fez e é capaz. Tenha orgulho de quem você é.

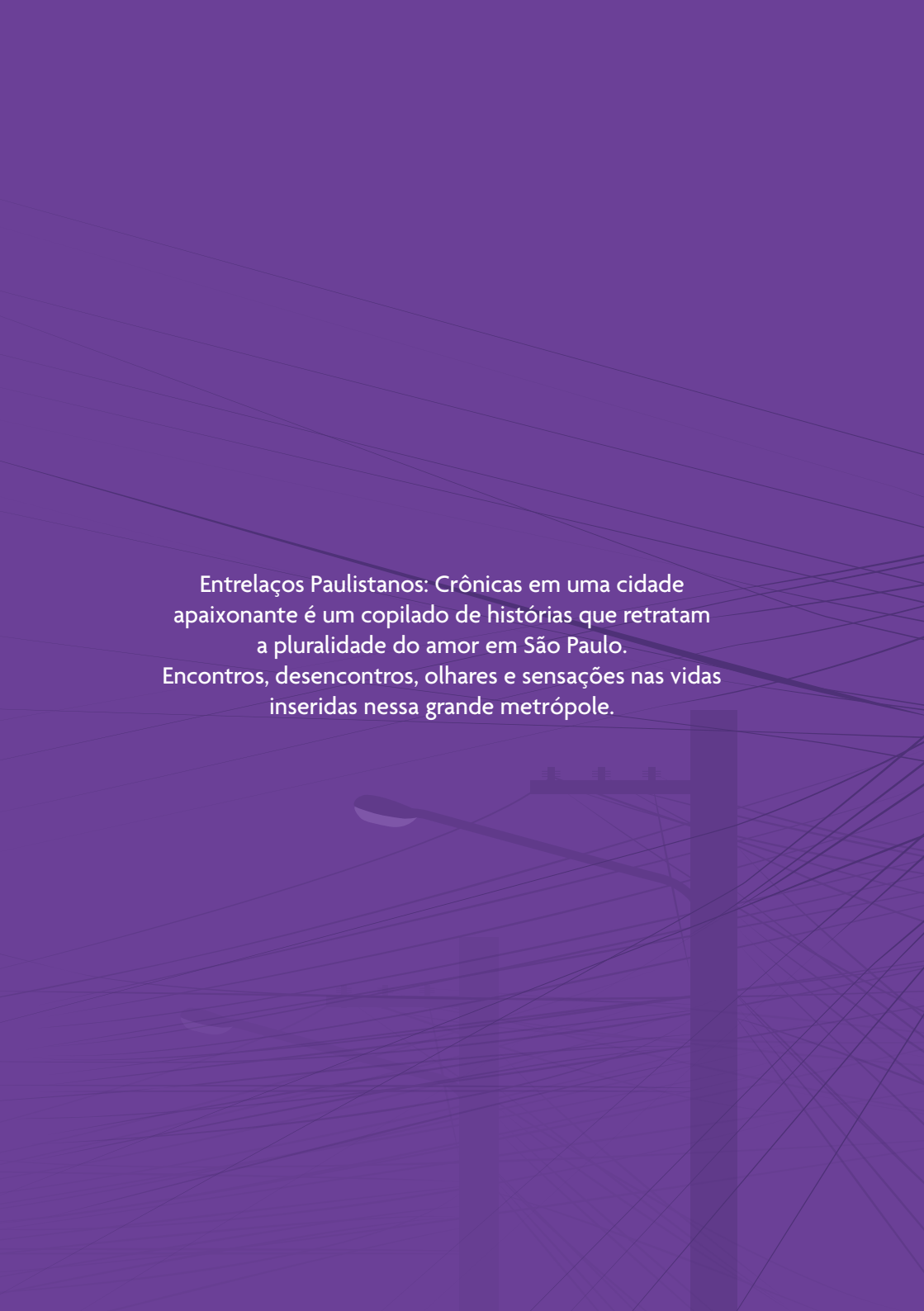


Sobre o autor

Lucas Rigotti Berretta nasceu no ano de 2000 na cidade de São Paulo, capital do estado de mesmo nome, Brasil. Cidade que é a grande personagem das crônicas desta obra. Morador do bairro de Pirituba, região noroeste de São Paulo, cresceu observando essa metrópole, apaixonado pelas histórias escondidas nos corações de mais de 12 milhões de pessoas.

Com esse livro encerra sua fase acadêmica na Graduação de Jornalismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Jovem autor, jornalista, poeta e cronista



Entrelaços Paulistanos: Crônicas em uma cidade apaixonante é um copilado de histórias que retratam a pluralidade do amor em São Paulo. Encontros, desencontros, olhares e sensações nas vidas inseridas nessa grande metrópole.